

ACERCA DO PARADOXO DA FILOSOFIA MORAL

Juan Adolfo Bonaccini
UFRN

Resumo: *Acerca do paradoxo da filosofia moral.* O presente ensaio procura mostrar alguns dos principais problemas que surgem na tentativa de elaboração de uma filosofia moral. Deste ponto de vista existiria um paradoxo capaz de dificultar o estabelecimento da filosofia moral tanto como moral quanto como meta-moral.
Palavras-chave: Paradoxo, Filosofia Moral, Meta-moral

Abstract: *About the Paradox of the Moral Philosophy.* The present essay seeks to show some of the main problems that appear by attempting to elaborate a philosophy of morals. According to this point of view the author argues that exists a paradox which is able to make difficult to the establishment of a moral philosophy both as moral and as meta-moral.

Key words: Paradox, Moral Philosophy, Meta-moral

"... la hipocresía es un homenaje que el vicio le hace a la virtud..."
Jorge Luis Borges.

1 — Num ensaio anterior, inicialmente intitulado "Em busca da elucidação do conceito de Ética em Filosofia" tentei mapear o relevo das principais questões envolvidas dentro do âmbito da filosofia moral e formular uma definição provisória. Das diversas dificuldades salientadas houve uma que evidenciou ser uma pedra no caminho do filósofo moral a tal ponto que novamente me proponho abordá-la, na tentativa de lançar alguma luz sobre o assunto.

2 — Numa conferência de 1961¹ Gadamer chama a atenção para o problema, pelo menos em parte:

De modo algum é evidente que uma ética "filosófica", uma filosofia da moral difira de uma ética "prática", ou seja, do estabelecimento de uma tábua de valores que o agente observa e de um saber que contendo um apelo orienta na própria ação para a observância desta tábua de valores (p. 393).

Nós podemos ler esta passagem de várias maneiras. Uma consistiria em dizer que Gadamer pretende identificar a filosofia moral com a própria moral, a ética filosófica com a própria ética². Mas o modo como ele coloca a questão já supõe e estabelece separadamente as duas instâncias. Outra leitura poderia sustentar que Gadamer não quer identificá-las, uma vez que parece reconhecer a especificidade de cada uma delas, mas sim mostrar a falta de clareza que se tem acerca das implicações de uma identificação apressada de ambas. Esta última parece mais afim à idéia defendida por Gadamer; porém não o é. Pois naquela conferência Gadamer pretende mostrar, partindo da frase citada, que o problema está em separar a filosofia moral da moral, a ética filosófica da ética; e que Aristóteles e Kant fogem dessas dificuldades oriundas da aceitação de uma dicotomia radical entre *theoria* e *praxis*. Sem entrar no mérito desses pormenores podemos vislumbrar o problema, e até de uma forma um pouco mais ampla: se não é evidente que moral e filosofia moral difiram, tampouco é óbvio que possam ser identificadas. Ambas as questões perfazem o mesmo problema, o paradoxo da filosofia moral.

Com efeito, moral e filosofia moral impõem-se para nós como duas coisas bem distintas, que não podemos identificar, visto que identificá-las nos levaria a enfrentar uma confusão entre teoria e prática: a filosofia moral, para nós modernos, seria uma teoria sobre a prática; um discurso acerca do fenômeno moral. Parece óbvio então que não sejam uma e a mesma coisa, mas de modo algum é evidente isto que parece sê-lo.

A idéia da filosofia moral precisa distinguir a teoria que reflete da prática que é objeto de reflexão. Engendrando um saber que parece se distanciar daquilo que sabe, engendra a pretensa neutralidade de quem reflete sobre a moral. Como se filosofar sobre o fenômeno moral não implicasse moralmente a totalidade da experiência de quem filosofa.

3 — Talvez não exista a Moral, já que há muitas concepções morais. Mas sim o problema moral; se somos ou devemos ser de um modo ou de outro, se agimos ou devemos agir de uma certa maneira ou de outra. E isto é de fato um problema porque há controvérsias quanto ao modo de ser ou de agir. As posições variam em grau, gênero e número de acordo com as pessoas, os grupos, as culturas e as épocas.

O problema *permanece*. Ora, como se dá este problema na filosofia, a qual pretende pensá-lo e pretende desse modo constituir-se numa filosofia moral?

4 — A ética filosófica ou filosofia moral consistiria na reflexão filosófica sobre o problema moral; mas visto que ela está envolvida e como que afetada pela problemática que levanta, no instante mesmo em que pensa, vê-se que o problema moral a transcende e lhe mostra o seu lugar. A filosofia moral é então o ponto de contato entre *theoría* e *práxis*?

5 — Dizer que a filosofia moral não é a moral faz sentido porque a moral é um fenômeno e uma problemática que aparecem no mundo cotidiano da experiência humana. Vale dizer que ninguém precisa ser filósofo para sentir-se subordinado a certas normas e princípios do agir, ou para seguir estilos e modos de ser. Nem tampouco para julgar com base nessa concepção as ações próprias e de outrem. Daí dizer-se que, em certo modo, a ética, a moral é uma coisa empírica, isto é, um problema ou uma questão de experiência e convívio. Mas também se poderia dizer que este fenômeno que ocorre no convívio humano de ser, agir e julgar as coisas com base em concepções, normas ou ideais envolve conceitos, idéias e princípios; e é por isso um problema conceitual. Nesse caso, julgar moralmente poderia ser considerado como um modo de filosofar cuja possibilidade e realidade são dadas a todo e qualquer homem. Mesmo assim continuaria sendo evidente que não é preciso ser filósofo, no sentido de pensar e escrever uma filosofia moral, para julgar moralmente. Embora a moral envolva aspectos filosóficos, fica claro que não é a mesma coisa que a filosofia. A filosofia é capaz de questionar seus próprios princípios; a moral conduz bem antes a agir, questionar ou julgar ações com base em princípios por definição inquestionáveis (para ela). Visto o problema sob esse prisma, existe a moral como um fenômeno constante no convívio entre indivíduos e culturas humanas e a filosofia moral como uma sorte qualquer de "*ciência da moral*". Do mesmo modo que a física de partículas não é o mesmo que as partículas propriamente ditas, mas uma teorização que tenta explicá-las, defini-las e prová-las, a filosofia moral, enquanto *theoría* da moral, não é a mesma coisa que o próprio fenômeno que contempla, analisa ou tenta explicar. Vemo-nos forçados, por conseguinte, a admitir uma dicotomia e justaposição entre teoria e prática.

6 — Esta distinção, que já está presente em Aristóteles (quando ele distingue a *práxis* da *poíesis* e da *theoría*), parece ter-se tornado essencial. Nossa época parece cada vez mais perder a dimensão ética da *práxis* e da própria *theoría*, bem como a dimensão contemplativa desta última³. Tudo tem se tornado de algum modo *técnico*. A sociedade e as relações humanas, o nosso mundo total; tudo se move e se organiza

a partir de técnicas. Para administrar o estado, a casa, a família, as relações interpessoais, as igrejas e toda a vida precisa-se e lança-se mão de ferramentas e técnicas mais ou menos apuradas que servem de instrumento à consecução dos fins desejados. A tecnologia enraíza-se no mundo atual como o instrumento por excelência que melhor nos ajudaria a administrar ou governar nossas vidas. Tudo se pensa ou se faz a partir dela e nada parece restar do homem sem ela⁴.

De modo que se impõe a influência decisiva destas técnicas e da tecnologia, técnica das técnicas, no todo da vida comum e da vida de cada um. O que não parece tão claro mas está presente o tempo inteiro é o conflito que se cria entre a vida governada pelo saber técnico (pela mentalidade insuflada de tecnologia) e as exigências éticas que surgem entre os homens. Porque reinando uma mentalidade que pensa a teoria separada da prática⁵ — a teoria face à sua aplicação sobre uma matéria para atingir fins e objetivos pré-determinados —, e que vive o mundo desde essa perspectiva, ocorre que as ações e as razões do agir, e todas as relações interpessoais passam a regular-se não mais por princípios morais, mas técnicos. Isto mercantiliza as relações; fomenta a desconfiança, o conflito e o confronto. Mas gera o surgimento da exigência moral: o mesmo agente que age e se relaciona como quem aplica princípios para conseguir fins e busca instrumentos que lhe possibilitem consumá-los acaba por reconhecer na própria carne a necessidade de normas éticas: fala de “crise moral” da sociedade⁶.

Para utilizar uma linguagem kantiana: as pessoas agem com base em máximas que caracterizam imperativos hipotéticos (técnicos); não com base em imperativos morais. A rigor sequer querem reconhecer imperativos. Apenas lucro, prêmio ou castigo. Porém, reclamar já é um modo de reconhecê-los.

7 — Quando se faz a distinção entre moral e filosofia moral, por conseguinte, não apenas se faz uma distinção que se impõe à primeira vista aos olhos. Também se está sob a égide da mentalidade técnica da nossa época. Seria preciso ir além dela, ou tentar abandoná-la por algum momento; tanto para agir moralmente como para pensar numa genuína filosofia moral. O que não significa que isto seja possível. Não parece sê-lo, pelo menos até agora.

8 — Acima chamei a atenção, de passagem, para o fato de que no mesmo instante em que o filósofo moral filosofa sobre a moral é como que envolvido e afetado por ela. Isto significa dizer que, sendo a filosofia por tradição, circunstância e essência *theoría*, ela não pode querer um lugar próprio e primeiro anterior à *práxis* (no sentido aristotélico do termo) e isento dela. Dizer que ela é *theoría*, contemplação e busca da verdade, não pode pretender ser neutral com relação ao fenômeno moral que teoriza. Para os gregos, afinal, parece que a *theoría* era como

que uma "*práxis suprema*"⁷. Isto se vê sobretudo em Aristóteles; basta reler o livro X da *Ética Nicomaquéia* para compreender isso. Pois, para tentar definir o bem supremo do homem, Aristóteles procura pensar a essência do homem. De acordo com ela vislumbramos melhor sua missão, sua destinação, seu *érgon*⁸: Se a racionalidade define a alma humana mais que qualquer outra coisa, e se a alma define o homem mais que o corpo, impõe-se pensar que é a atividade racional da alma em seu máximo grau de boa realização e exercício que irá nos aproximar do Sumo Bem. Ora, o que é a atividade racional da alma senão o exercício da mais excelsa virtude humana, o exercício daquilo que lhe é mais próprio e que mais distingue o homem do resto dos vegetais, dos animais e das coisas? O que diz mais respeito ao lugar natural do homem na *Physis*, e o que é que o aproxima mais da *Táxis*, da ordenação do *Kósmos*? Sem dúvida o exercício apurado e virtuoso da razão, visto que ela é a medida mais justa de todas as medidas; o princípio da virtude e das belas ações que refletem aquela ordenação cósmica no quotidiano dos homens⁹. É como poderia ser diferente? Como poderia não ser o exercício virtuoso em seu grau mais supremo, para o ser racional, a sua virtude mais perfeita? Como não estaria o seu Bem Supremo na própria *Sophía*? Para uma mentalidade que crê viver num mundo hierárquico e harmônico, ordenado pela beleza da proporção, pelo lugar que cada coisa e cada ser ocupa de acordo com seu bem — com seu fim e sua missão em vista da bela ordem —; para um gênio que tem certeza do equilíbrio e beleza universais, e do caráter excelso e legislador da razão como principal atributo da alma humana, como sua mais excelente virtude, impõe-se afinal que a virtude mais alta, a sabedoria ética (*phrónesis*) acabe se revelando contemplação pura (*sophía*) do que é imortal, perfeito (*teleíon*), divino: sabedoria que realiza o homem em seu mais alto grau de humanidade, no exercício mais específico e perfeito de si mesmo, de sua razão¹⁰. Para um grego impõe-se — parece-me — que a *theoria* seja a *práxis suprema* porque a consumação do exercício ético se revela não só como *phrónesis*, mas também e essencialmente como *sophía*. Assim é que Aristóteles pode mostrar que a *vida contemplativa* (*bíos theoretikós*) é o exercício racional da alma de acordo com a virtude mais perfeita. O mais perfeito do homem é a razão. O seu Bem Supremo é viver de acordo com ela. O mais perfeito modo de ser da razão é, por sua vez, o conhecimento do que é mais digno de ser conhecido. O Bem Supremo da razão é conhecer a verdade: contemplar a absoluta beleza do que não morre.

Nós, em contrapartida, perdemos a inocência desse mundo perfeitamente ordenado. Perdemos a fé na contemplação estética da verdade como ética por excelência. Custa-nos pensar a *theoría* como *práxis suprema*. Teoria é para nós algo formal que requer conteúdo, aplicação, prova, cálculo. Por isso, ao pensarmos em filosofia moral, pensamos

numa reflexão teórica sobre o agir humano no âmbito do que se chama moral e do ponto de vista da filosofia. Porém não devemos sucumbir à ilusão da época achando que nossa teoria, sendo "científica", estaria como que aquém, além ou por cima daquilo sobre o qual teoriza.

A dificuldade — e o desafio — consiste em pensar a moral. Em pensar moralmente a moral para não incorreremos no "mito da neutralidade" da teoria; em pensar moralmente a moral, sem confundir ao mesmo tempo a moral e a filosofia moral. O que é um problema e um paradoxo. O paradoxo de uma filosofia moral.

9 — A teoria é pensada hoje em dia como algo neutro, amoral. Como algo que merece aplicação independentemente de qualquer coisa. A teoria deixou de ser contemplação. Tornou-se técnica de interpretação e manipulação de objetos específicos.

A filosofia, que não é uma ciência (ao menos não no sentido das ciências atuais, das tecnologias)¹¹, parece ter esquecido sua origem e sua missão: amiúde pensa a moral como um objeto de reflexão distanciado de quem reflete; separa a *theoría* da *práxis*; o que Aristóteles chamava de *theoría* com o que ele chamaria de *téchne* — termo que está na base de "técnica" e de "tecnologia" tanto filológica quanto ontológica e historicamente. Assim fazendo ela perde o seu ser, a sua especificidade, filiando-se a um modo de ser e de saber que não lhe diz respeito. E o que é pior: subordina-se a critérios oriundos de fora dela. É o que acontece quando se distingue Moral e Meta-moral, Ética e Metaética¹²; quando se distingue a filosofia moral da moral.

Ora, mas a filosofia moderna é totalmente inconseqüente (ou cega) face ao problema? Ela parte dessa distinção sem razões? Não; já insinuamos que não, dado que não aceitar essa dicotomia implica identificar filosofia moral e moral. Mas, algum problema com isso? De saída aparecem dois. Primeiro, de alguma maneira identifica-se a filosofia com a moral, reduzindo uma à outra. Segundo, todo moralista ou todo aquele que julga moralmente converte-se assim em filósofo moral. E não é preciso ser filósofo moral para agir moralmente, nem para falar de moral ou julgar moralmente qualquer ação.

Se a filosofia pensa o fenômeno moral assim como pensa o fenômeno estético, a ciência moderna, a política, etc., não podemos dizer que quem investiga se identifica com aquilo que investiga; do mesmo modo que a crença em Deus não é a mesma coisa que Deus.

Assim parece ser que a moderna identificação entre *theoría* e *téchne*, ou melhor, a redução da primeira a esta última não é vã. Mas é no mínimo curioso que essa redução esteja por trás de toda dicotomia entre teoria e prática, e que esta seja o substrato da "crise moral" da soci-

idade ocidental. Pois é essa situação que fomenta e reclama atitudes, reivindicações e discursos eticistas como a filosofia moral.

10 — A primeira face do paradoxo é então o lugar amoral da teoria moderna e contemporânea, a neutralidade epistemológica que ela pretende deter ao pensar a moral do ponto de vista de uma filosofia moral. Como pensar a moral, a ação humana sob o prisma da moral sem estar simultaneamente envolvido por ela, isto é,, sem que a própria atitude de pensar a moral e de criar um discurso de filosofia moral seja moralmente imputável, tão imputável quanto a pessoa que o pronuncia e o pensa? É preciso distinguir a moral da filosofia moral para não confundir o “nome da coisa” com a própria “coisa”; mas isto que lógica e epistemologicamente se impõe enquanto se filosofa sobre a moral é ontológica e praticamente impossível. Pois o que eu digo já constitui um certo modo de fazer, de agir; o que eu penso, profiro, pratico e escrevo, o que digo aos outros homens (sobre a moral) *exprime* uma determinada concepção moral — mesmo que eu recuse todas elas — e não deixa de ser uma ação moralmente imputável.

Darei um exemplo contando uma velha estória:

“Existia um filósofo que sobrevivia com sua profissão de ensinar filosofia. Todavia, não a considerava uma mera profissão, mas uma vocação. Acreditava que sua vocação não era produto do acaso, mas indício de uma missão. Por isso lançara-se em busca da verdade e no ensino do pouco que a verdade lhe deixara entrever de si mesma. E como a missão filosófica envolvia para ele — como para Aristóteles — o ensino dessa sapiência que em parte carregava e em parte buscava (portanto, uma certa pedagogia e uma certa moral), nada lhe pareceu mais acertado que pensar uma filosofia moral. Pensar filosoficamente a moral para captar sua natureza e ensiná-la aos seus discípulos, como diz Aristóteles, a fim de que se tornassem melhores. Assim, procurou pensar a verdade da moral. E visto que procurava pensar a verdade da moral, distinguiu o ato de contemplar da verdade que tentava contemplar. E considerou que não podia confundir ambos, porque filosofar é contemplar para contemplar a verdade.

Um bom dia a contemplou. E compreendeu que tudo que dissesse sobre a moral sempre seria uma teoria sua a respeito do agir de acordo com a moralidade ou contra ela. Comunicou-o aos seus discípulos. Um deles, bastante mais perspicaz que os outros, e mais corajoso, capaz de contrariar o mestre, interrogou-o: — Caro Mestre, se a filosofia que pensa a moral é uma teoria moral, se a filosofia é teoria apenas, não será ela neutra, totalmente neutra? E não é isto impossível? Não recaem todos os atos da vida humana sob a legislação da norma ética? Dizer que a filosofia é só teoria não significa tomar uma atitude moralmente imputável que não condiz com o intuito moral do ensino? Não é contrário à filosofia defender a neutralidade, amoralidade do discurso, Mestre?

Neste ponto o Mestre refletiu; e respondeu. Sabia que a distinção entre a reflexão e o que a reflexão acolhe nela se impunha com total verdade. Sabia disso, e contudo sua resposta não o satisfaz. O discípulo não ficou muito convencido mas aceitou a explicação porque a distinção entre o discurso e a referência do discurso era evidente como uma rocha batendo na ponta dos pés. E porque o mestre lhe inspirava respeito e admiração. Mas o mestre ficou insatisfeito e angustiado. Como podia ser que a objeção do discípulo fosse totalmente correta e a sua *theoría* também, se eram incompatíveis? Não podia. Por isso suspendeu o juízo. Recolheu sua alma no silêncio; mas a calma não adveio ..."

Esta breve estória nos permite visualizar melhor o paradoxo da filosofia moral; separá-la da moral traz sérios problemas. Mas identificá-las, reduzir cada uma delas à outra não traz menos embaraço ...

11 — A segunda face do paradoxo consiste justamente na dificuldade envolvida no ato de não diferenciar a filosofia moral ou ética filosófica da moral ou ética propriamente ditas. Não é óbvio que a filosofia moral difira da própria moral; mas isso não implica que se possa dizer que ambas são a mesma coisa. Parece que devemos distingui-las, uma da outra, que não são nem podem ser a mesma coisa. Mas se distingi-las levou à primeira face do paradoxo, criando-se um falso distanciamento e uma falsa neutralidade moral do discurso filosófico acerca da própria moral, então parece que devemos de algum modo identificar moral e filosofia moral.

12 — Ambas as coisas, ambos os aspectos chamam a atenção para um mesmo problema. Por um lado, lógica e epistemologicamente é preciso distinguir o discurso filosófico daquilo sobre o qual ele discorre, mais ou menos de modo análogo àquele em que distinguimos palavras e coisas, conceitos e referências, etc. A própria estrutura gramatical da linguagem já nos obriga desde o princípio da fala a pressupor o corte entre nomes e objetos.

De outro lado, discorrer sobre moral não é o mesmo que discorrer sobre geografia, teologia ou física. Porque a peculiaridade da moral (do fenômeno moral ou ético) consiste precisamente em ser algo que permeia *toda* a experiência de convívio entre as pessoas. É como uma malha que perpassa todas as vidas; como um mar incomensurável no qual todos, desde o princípio e até o fim, estão flutuando à sua deriva. Isto porque viver é estar no âmbito do agir — mesmo em situações de inação — e todo agir humano supõe a possibilidade de estar efetuando um modo de ser por definição passível de ser julgado como sendo moral ou imoral. Quando o geógrafo fala de geografia não faz diferença que ele esteja num ou noutro local; não precisa estar num lugar para falar dele. Quando o físico fala de "Neutrinos" e "Quarks"

não precisa senão relacionar sua teoria com sua observação e seus cálculos. Mas quando qualquer homem fala de moral reconhece pautas, ideais, normas ou princípios, isto é, um certo âmbito no qual admite estar e desde o qual é capaz de elogiar, censurar ou descrever atos seus e de outrem, e justificá-los ou não perante qualquer pessoa. Pelo menos em princípio supõe esta possibilidade, como pré-condição da sua fala.

Assim, se lógica e epistemologicamente se impõe a distinção entre o discurso da filosofia moral e a moral como aquilo que é seu objeto, ontologicamente se impõe que quem discursa já esteja no âmbito daquilo sobre o que fala, julga e descreve — pois sendo a exigência moral a condição do problema moral, e da sua colocação, discorrer sobre ele compromete eticamente o homem que discorre enquanto agente moralmente imputável.

13 — Neste sentido, no segundo caso, sempre que se fala de moral pensa-se *moralmente* a moral. Foge-se com isso à pretensão moderna de um discurso isento, de um meta-discurso moral. Se para fazer *theoria*, contemplação da moral, é preciso já estar no seu âmbito, corresponder a ele e descrever de algum modo o que se vivencia, é preciso então que o filósofo moral pense moralmente a moral. Mas como é de certo modo impossível não fazê-lo, mesmo que não se tenha clareza sobre a inexorabilidade do compromisso que o agente reconhece quando discursa, aparece inegável que pensar moralmente e filosofar sobre a moral sejam praticamente a mesma coisa. Todo homem julga moralmente, então, enquanto agente moral, e nesse momento ele é um filósofo moral. O que permitiria no entanto distinguir a filosofia moral do julgamento moral dos agentes em geral seria o fato de que o filósofo moral propriamente dito, aquele que pensa e escreve uma filosofia moral, ou a ensina com seu agir, como Sócrates, tem clareza acerca do fato de estar fazendo e pensando moralmente a moral. Dito de outro modo, o filósofo moral (de vocação e profissão, por assim dizer), tem consciência e intenção de fazer filosofia moral agindo (discursando) moralmente. Seu discurso é para ele um agir moral deliberado. Este argumento seria uma tentativa de elucidar o paradoxo por via de uma distinção de níveis discursivos (lógico-epistemológico e ontológico-moral). Com isso poderíamos identificar parcialmente a moral com a filosofia moral, com a peculiaridade e as ressalvas acima descritas, sem reduzir a filosofia à moral; reconhecendo apenas que *em princípio* todo agente moral que julga, descreve ou justifica ações e modos de ser filosofa porque pensa moralmente a moral. Moral e filosofia moral teriam pontos de contato sem serem absolutamente identificadas.

Defendendo a filosofia como algo peculiar (que não se reduz à filosofia moral nem à moral propriamente dita), parece que podemos fugir

aos problemas de uma identificação absoluta entre moral e filosofia moral e, ao mesmo tempo, parece que se pode fugir às objeções de isenção e pretensa neutralidade científica de uma meta-moral.

Em todo caso trata-se mais de uma tentativa de elucidação de um problema. Este não é pequeno e parece ter passado inadvertido durante bastante tempo. Tentamos mais mostrar as dificuldades do que resolvê-las. Que nossa solução, por isso, não seja das melhores e mais claras, parece pelo menos contribuir ao reconhecimento da existência do problema, já que fica exposto o nosso envolvimento moral no momento em que tratamos de delinear um conceito, ainda que provisório, de filosofia moral. Mesmo que separemos o fenômeno e o problema da nossa preocupação do ponto de vista conceitual, evidencia-se de imediato que o plano conceitual se ergue sobre a vivência problemática de um agente que é capaz de questionar os princípios do agir e o seu modo de ser, de julgar e justificar; e que num determinado momento a questão se põe ela mesma de tal modo que em certo sentido cabe dizer que a própria moral se pensa; que pensar moralmente a moral, filosofar moralmente, é deixar que o fenômeno do paradoxo se manifeste em nós como a dificuldade de definir o que seja a moral e de corresponder ao envolvimento moral que se torna patente quando falamos moral ou imoralmente da moral. A dificuldade de estabelecer um conceito de filosofia moral — em face do paradoxo — vincula-se essencialmente ao próprio problema da moral. A uma necessidade, reivindicada por todo agente, que se impõe com uma dificuldade essencial de coerência e reciprocidade. O concernimento moral do discurso da filosofia moral é o do agente no âmbito da experiência moral: na medida em que discursar e pensar é agir, esse agir supõe a exigência moral e pretende por isso corresponder a ela.

Notas

1. *Archives de Philosophie* 34 (1971): 393-408. Tradução de Pierre Fruchon. Versão original em *Kleine Schriften I. Philosophie, Hermeneutik*, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1967.

2. Uso aqui os termos "ética" e "moral", bem como seus derivados, de modo equivalente.

3. Sobre os conceitos de práxis, poíesis e theoría em Aritóteles cf. JACQUES TERMINAUX, *Lectures de l'ontologie fondamentale*, Jérôme Millon, Grenoble, 1989, pp. 149-156, 163-164, 176.

4. Sobre isto veja-se por exemplo: M. HEIDEGGER, *Die Frage nach der Technik*, in: *Vortraege and Aufsätze*, Pfullingen, 1954, e E. CARNEIRO LEÃO, *A técnica e o mundo no pensamento da terra*, *Revista Brasileira de Filosofia*, vol. IV, nº 2 (1988).

5. Paradoxalmente a nossa época pensa a teoria separada da prática e não concebe ao mesmo tempo uma teoria que não possua uma utilidade prática, uma aplicação. Isso porque nossa época transformou tanto a *práxis* como a *theoría* em *téchne*: tudo busca produzir um produto, um lucro. A ciência deixou de ser *theoría* para ser tecnologia e a moral deixou de ser *práxis* virtuosa para ser uma técnica mercantil de troca de favores.

6. A denúncia ou queixa da crise supõe como condição o reconhecimento de exigências morais.

7. Cf. GADAMER, op. cit., pp. 393-394. Os últimos livros da *Ética Nicomaquéia* parecem indicar a pertinência desta interpretação.

8. E. N, I, 7 1097 b23ss.

9. Quem fornece subsídios para esta interpretação é o próprio ARISTÓTELES (op. cit., III cap. 12) e LEON OLLÉ-LAPRUNE, *Essai sur la morale d'Aristote*, Paris: Belin et fils, 1881, pp. 83-84.

10. Cf. L. OLLÉ-LAPRUNE, op. cit., p. 48ss; p. 67.

11. Ao nosso ver a distinção entre Ciência e Tecnologia é hoje meramente formal, uma vez que toda a produção e toda a investigação científica está veiculada em função dos produtos que pode gerar e das funções que pode cumprir.

12. Hans Albert, entre outros, parece ser um dos exemplos mais significativos deste ponto de vista. Cf. *Traktat über kritische Vernunft*, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1968, cap. III. Ver também *Konstruktion and Kritik*, Hamburg: Hoffmann and Campe, 1972. (citado por MARIA CECÍLIA M. DE CARVALHO, Hans Albert: Racionalidade Crítica e Normatividade, in: *Paradigmas Filosóficos da Atualidade*, Campinas: Papirus, 1989, pp. 115-127). É bom reconhecer que eu defendi uma postura semelhante num ensaio citado logo no 1º.º deste trabalho; o presente ensaio, por isso deve ser considerado também como uma autocrítica.

Endereço do Autor:
CCHLA — Dep. de Filosofia — UFRN
Campus Universitário
Br — 101 Km 1, s/n
59072-970 Lagoa Nova — Natal — RN